

RESENHA

FERREIRA, R; RAJAGOPALAN, K. **UM MAPA DA CRÍTICA NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM E DO DISCURSO**. CAMPINAS SÃO PAULO. PONTES EDITORES. 2016.

Marcos Roberto dos Santos AMARAL

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Em “Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso” (2016), organizado por Ruberval Ferreira (PosLA-UECE) e Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP), problematiza-se o que seria uma abordagem crítica da linguagem. Para se responder tal questão, fez-se uma coordenação, em seus avizinhamentos de temas, autores e posturas científicas e sociais, das diversas noções de Crítica em perspectivas teóricas de estudos da linguagem e do discurso – Nova Pragmática; Pós-Estruturalismo; Teorias da Tradução; Análise do Discurso, Análise de Discurso Crítica e Análise Dialógica do Discurso –, buscando, por meio da apreciação de categorias básicas dessas correntes – performatividade, jogos de linguagem; ideologia; intediscursividade; hegemonia; dialogismo; entre outras – encontrar um lugar, onde se tem uma unidade (em devir), que ultrapasse noções conservadoras logicistas de linguagem como representação do mundo (e de suas pretensões de verdade, justiça, práticas sociais e subjetividades), em favor da consideração da especificidade contraditória constitutiva das relações simbólicas e materiais sobre o mundo.

Notoriamente, é urgente, no meio acadêmico (bem como nas demais esferas), compreender o que seja Crítica nos estudos da linguagem que se assumam ou são tomados como tal. Esse debate passa, impreterivelmente, pela problematização das formas de teorizações e análises dos próprios *modus operandi* das diversas perspectivas ontológicas e epistemológicas que compõem as práticas desse meio. Nessas circunstâncias, questionar sobre “onde, quando e por que se começa a pensar a linguagem criticamente e o que isso significa em cada momento em que é possível dizer que há um tipo de crítica da linguagem em funcionamento” (FERREIRA; RAJAGOPALAN, 2016, p. 15) é, em última instância, questionar sobre o que esse tipo de crítica vislumbra como horizonte ético-político. Tais questões são

decorrentes do reconhecimento irresistível de que discutir linguagem é discuti-la de maneira indissociável das contraditórias relações sociais.

Por conseguinte, estudar as mais remotas práticas sociais consideradas historicamente críticas é imprescindível. Para tanto, um primeiro passo a dar, como se faz nesta obra resenhada, é avaliar que as primeiras atitudes filosóficas respondiam à “necessidade de se estabelecer uma ordem para o mundo, de se encontrar princípios explicativos para o seu aparente caos, por trás do qual se esconderia alguma forma de ordem” (FERREIRA; RAJAGOPALAN, p. 15-6). No caso específico dos estudos da linguagem, essa origem de busca de ordem para as experiências de mundo faz com que estes estudos sejam considerados com desconfiança, uma vez que, as primeiras sistematizações do mundo eram sobredeterminadas pela crença de que o pensamento, o *logos*, pretendia/almejava correspondência imediata com as estruturas verdadeiras do mundo, as quais eram “transtornadas” pela obscuridade/ambiguidade da linguagem, que, mediatizava insatisfatoriamente essa relação. O corolário dessa crença representacionista é considerar que o mundo tinha ordem e que o pensamento não a alcançava, porque a linguagem era falha. Ora, por conta disso, ocorreu uma postura constantemente atenta para que o pensamento não fosse corrompido pelas formas impróprias de representar o mundo, especialmente, a linguagem.

Outro passo para percorrer o “mapa da crítica” é estudar a mudança de paradigma que a modernidade trouxe para a questão mente/mundo/linguagem. A crítica da razão logicista proporcionou uma virada nos termos da equação conhecimento e mundo, agora não mais impossibilitada pela “impropriedade representacionista” da linguagem. A perspectiva moderna problematiza que as relações entre conhecimento e mundo são permitidas pelos limites da linguagem. O foco do problema, então, para refletir sobre alcance/representação do mundo é a linguagem e suas especificidades. Essa noção é radicalizada nos últimos anos com a consideração de que não existe um sentido de mundo único (não caótico), mas sentidos diferentes, cuja marca é a diferença expressa na multiplicidade ética, estética e política. Daí, novos problemas surgem na tentativa de encontrar a ordem/contiguidade/linearidade (ou desordem/contingência) do mundo.

Assim, o problema da relação linguagem-mundo é dimensionado pelo problema da multiplicidade de experiências diferentes com/sobre/no/para o mundo, de maneira que “nossa resistência em negligenciar todas essas dimensões em nossas formas de teorização” (FERREIRA;

RAJAGOPALAN, p. 18) deve ser revista quando se pretende uma postura crítica nos estudos da linguagem.

Veja-se que o debate sobre linguagem se tem fundado através de preocupações sobre a possibilidade de estabelecer um conhecimento considerado oficialmente verdadeiro e enviesado pela possibilidade de cair em falácia pelas especificidades do uso da linguagem. Estas especificidades da linguagem, justamente, organizam-se em função do seu caráter não-representacionista, ou seja, constitutivo do mundo. É por conta disso que a tradição filosófico-científica de raízes racionalistas, platonistas e positivistas percebe negativamente o papel da linguagem para a compreensão do mundo.

Esta postura consolidou o senso de que: 1) a Crítica se define pela problematização dos fundamentos analíticos e teóricos que sustentam a atividade acadêmica. Este entendimento está ao lado de outros como o de que: 2) a Crítica é o reconhecimento de problemas, bem como o de que: 3) ela está associada à emancipação social. Quanto a este último ponto, Ferreira e Rajagopalan (2016, p. 18-9) observam que:

Ainda hoje o debate em torno da necessidade de empreendimentos teóricos críticos e epistemologias cujo horizonte seja a insistência em alguma forma de emancipação continua bastante caloroso, de forma que, se por um lado, encontramos, nos tempos atuais, apostas em critérios normativos que possam definir uma postura genuinamente crítica, por outro, encontramos um total descrédito na possibilidade de se chegar a esses critérios, restando-nos, pois, o desafio de pensar o conceito de emancipação em função de uma pluralidade de demandas e de um conjunto de tensões não imaginado pela modernidade filosófica e seu projeto de ciência.

Nesse, sentido Ferreira e Rajagopalan (2016) promovem uma discussão da noção de crítica por abordagens historicamente consagradas como críticas nos estudos da linguagem, tais: estudos da linguagem do Círculo da Bakhtin (cap. 1, assinado por João W. Geraldi – UNICAMP); jogos de linguagem de Wittgenstein (cap. 2, assinado por Helena Martins – PUC-Rio); atos de fala de Austin (cap. 3, assinado por Rajagopalan – UNICAMP); análise do discurso pecheutiana (cap. 4, assinado por Eni P. Orlandi – UNICAMP e UNIVAS); teoria crítica de Foucault (cap. 5, assinado por Maria R. Gregolin – UNESP-Araraquara); teoria pragmática/semiótica de Deleuze (cap. 6, assinado por Hélio Rebello – UNESP e Júlia Ribeiro – UFES); crítica da linguagem de

Derrida (cap. 7, assinado por Ruberval Ferreira – PosLA-UECE); análise crítica do discurso e semiótica social crítica (cap. 8, assinado por Carmen R. Caldas-Couthard e cap. 9, assinado por Izabel Magalhães – UnB/UFC); teorias críticas da tradução (cap. 10, assinado por Lenita Esteves – USP); e teoria do discurso de Laclau (cap. 11, assinado por Maria E. G. Peixoto – UECE).

De fato, este debate está orquestrado em função do estabelecimento das vizinhanças dos “pontos de contato e as diferenças nas diversas formas de compreensão do que entendemos habitualmente por atitude crítica” (FERREIRA; RAJAGOPALAN, 2016, p. 21).

Todos esses movimentos teóricos e analíticos estendem-se por outros debates sobre correntes tradicionais do pensamento filosófico, por exemplo: Estruturalismo, Positivismo, Racionalismo, Pragmatismo, Escola de Frankfurt, Estudos Ameríndios, perspectivas da Desconstrução e da teorias Diferença, Psicanálise lacaniana, etc. Isto tudo, além do debate em torno de conceitos linguísticos importantes: dialogismo, atos de fala performativos e constativos, jogos de linguagem e formas de vida, ideologia, língua e fala, multimodalidade, discurso, linguagem, interdiscursividade, modos de subjetivação, poder, hegemonia, virada linguística, pragmática.

Sintetizando a discussão, Ferreira e Rajagopalan (2016, p. 22) entendem que, para Geraldi, o problema da crítica atualmente resolve-se pelo questionamento de temas como “alteridade, ideologia, linguagem (ordinária e literária), sujeito, responsabilidade e reponsividade, memória de futuro, acabamento, horizonte de possibilidades, polifonia e carnavalização”; conceitos círculo-bakhtinianos que remetem ao caráter eminentemente ético das práticas discursivas. Para Martins, o potencial crítico do pensamento wittgensteiniano “tem a ver com a possibilidade de se levar a sério formas de vida radicalmente alienígenas” (FERREIRA; RAJAGOPALAN, 2016, p. 23), ou seja, que fogem ao debate convencional, pautado em dicotomias tradicionais, o que é semelhante com o que Rajagopalan destaca sobre “o elemento crítico em Austin [que] se constitui justamente da relação que o filósofo estabelece entre as noções de ‘crítica’ e ‘crise’, em sua recusa a formas de teorizações fechadas e com pretensões totalizantes” (FERREIRA; RAJAGOPALAN, 2016, p. 24).

Já buscando relacionar crítica à análise do sujeito, linguagem e sentido, os organizadores destacam que Orlandi percebe a criticidade na problematização da transparência da relação

destes com a historicidade/materialidade (FERREIRA; RAJAGOPALAN, 2016, p. 25) das práticas sociais, nas quais, segundo Gregolin (apud FERREIRA; RAJAGOPALAN, 2016, p. 26), na sociedade contemporânea, regimes de discursividade, produção de verdades e de subjetividades são controlados por dispositivos que ligam “o discurso ao poder e a verdade aos sujeitos num tempo e lugar”. Caldas-Coulthard e Magalhães, também, observam que a criticidade se localiza na denúncia de realidades materiais violentas e opressoras. Rebello e Almeida (apud FERREIRA; RAJAGOPALAN, 2016, p. 26) encontram um lugar de crítica nos estudos do discurso e da linguagem concentrado na crítica deleuziana contra a “colocação da linguagem no centro de resolubilidade dos problemas filosóficos”, do mesmo modo que Peixoto, quando expande “a lógica relacional do fenômeno da linguagem para além da ciência linguística”, para tratar a condição de crise, precariedade, indeterminação e contingência, como estado de possibilidade da própria sociedade e linguagem. Enfim, Esteves destaca que crítica se estabelece pela indagação minuciosa do texto a fim de interpretá-lo, considerando a heterogeneidade entre línguas e que ele está envolto em relações de sentido parciais, incompletas, provisórias e inexatas (FERREIRA; RAJAGOPALAN, 2016, p. 30).

A expectativa que os organizadores apresentam para o livro é a de que:

As várias formas de abordagem crítica da linguagem, a partir dos múltiplos aspectos que constituem o fenômeno linguístico, possam melhor orientar as práticas de pesquisa e a reflexão sobre os mais diversos fenômenos da vida social contemporânea em sua pluralidade de tensões, demandas e atravessamentos.

Pode-se dizer que esta expectativa traz consigo outras tantas que se delinearão conforme os passos e as companhias que criativamente se encontrarão para traçar singulares trajetos. Essas abordagens interessam porque trazem um estudo aprofundado e diversificado pela ótica de vários autores sobre o histórico da linguística, desde a chamada mais dura às mais sociais, (sempre com postura comprometida daquele que não quer só defender um partido, mas compreendê-lo na sua forma mais autêntica); fazem o mesmo, ainda, com a história da Filosofia da Linguagem – desde o racionalismo à desconstrução, por exemplo.

O livro interessa porque é uma coletânea sobre grandes nomes da Linguística e Filosofia, tornando-se uma fonte importante de consulta de temas, correntes e autores, relevantes para Linguística, Linguística Aplicada e Ciências Sociais e Políticas e Estudos Culturais, cujos temas e

sujeitos envolvidos são companhias importantes para cotejar a compreensão de Crítica nos estudos da linguagem.

O mapa, de fato, correlaciona diversas perspectivas, sujeitos e debates de maneira que se pode ter uma visão orgânica do desenvolvimento de grandes questões dos estudos da linguagem e do discurso, como da Crítica, quanto de outras, por exemplo, as particularidades da modernidade e pós-modernidade, da discussão sobre democracia, além de língua, sistema e sociedade.

Assim, outra expectativa que se possa arrolar para este livro é a de que, pela exposição organizada por correntes em torno de um tema, se tenha uma visão mais realista da evidência que a Linguística, bem como qualquer outra esfera de produção cultural, funda-se a partir de contradições que tornam o seu caminho acidentado, bem diferente da imagem simplificadora de desenvolvimento linear – que partiria de fases iniciais, embrionárias, e chegaria a estágios melhorados – que uma história positivista poderia dar. Antes, o que se percebe nessa leitura/trajetória/experiência é que cada corrente, tema, autor e lugar de produção de importância para a Linguística foram gerados contraditoriamente com outras correntes contemporâneas e num processo de constante debate teórico complexo, e não entre correntes novas, corretas, e outras ultrapassadas – o que pode dar a compreender que, de fato, a Ciência se move pela Crítica de seus interesses sociais e não pelos teorismos miúdos e verborragia tecnicista.

É um livro, por conseguinte, que coteja grandes discussões concernentes às Ciências Humanas, Linguística Aplicada, Filosofia, etc., que se tornaram, inescapável e irrevogavelmente, necessárias para os estudos da linguagem, e, que, por isso, interessa ao aluno de graduação, de iniciação científica, ao professor, ao pesquisador de diversas áreas, pois, é um livro que, indisciplinarmente, não se prende a um só propósito acadêmico, porque seu interesse é humano.



Marcos Roberto dos Santos AMARAL

Possui graduação em Letras Português e Literaturas pela Universidade Estadual do Ceará - UECE (2009) e mestrado em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE - PosLA-UECE (2017). Doutorando do mesmo programa. Membro do Grupo de Estudos Bakhtinianos do Ceará (GEBACE) e do Grupo de Estudos Deleuze & Guattari (GEDEG). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Professor (licenciado para estudos) da rede estadual de ensino do Ceará - SEDUC-CE.

Recebido em 15/06/2020 - Aceito em 15/07/2020